

Mulher-máquina, Máquina-mulher: reflexões etnográficas sobre os modos de uso dos "corpos" pelas mulheres costureiras em Boa Vista, Roraima.¹

Arancha Micaelle dos Santos Pereira²
Madiana Valéria Rodrigues de Almeida³

Essa reflexão faz parte de pesquisa de mestrado ainda em andamento, cujo objetivo é analisar, a partir da teoria e metodologia da antropologia, como o trabalho e o ofício da costura se interseccionam na vida de mulheres que trabalham em grupos femininos na cidade de Boa Vista, capital de Roraima. O foco empírico são mulheres que são ou já foram pertencentes aos Centros de Produção Comunitária (CPC). Esses espaços estão ligados às políticas governamentais, sobretudo aos setores que englobam o *Bem-Estar Social* e do *Trabalho*, nos quais foram cristalizadas em meados dos anos de 1990, no Extremo-Norte do Brasil. Tal demanda se centralizou em dois momentos: pela consolidação de investimentos para indústrias se instalem no solo regional (OLIVEIRA, 2013) e apenas, em segundo plano, para formar mulheres no mercado de trabalho com atividades que pudessem ser apreendidas no espaço doméstico. Para isso, o investimento nos trabalhos de costurar dessas mulheres estariam nos maquinários – máquina de costura de todos os tipos e usos, mesas e cadeiras, ferros de passar a vapor, armarinhos, entre outros. Em decorrência de mudanças de governos, a falta dos investimentos e ações estatais, os grupos femininos foram se desfazendo ao longo dos anos, e nesse contexto, as máquinas de costura como estratégia para o suprimento de necessidades mais básicas foram vendidas. Mediante o trabalho de campo etnográfico realizado em 2021 nos Centros de Produções Comunitárias ainda existentes, observamos que as máquinas de costura fazem parte da extensão dos usos dos corpos das interlocutoras-costureiras no cotidiano. Assim, nos termos de Donna Haraway (1985) o *Ciborgue* é uma simbiose entre mulher e máquina. O domínio de conhecimento das mulheres acerca dos artefatos é percebido nos ditos e feitos: é preciso que haja harmonia de ambas as partes para o bom funcionamento, e ainda mais, para um bom trabalho. Nesse cenário laboral, os movimentos repetitivos que fazem com as mãos e os pés em postura sentada e ereta por longas horas, além do esforço da visão são motivos de adoecimento do corpo das mulheres na faixa etária dos sessenta anos, embora as mulheres mais jovens também sofram com dores em diversas partes do corpo. Desta forma, nesta apresentação temos como proposta discutir, a partir do trabalho etnográfico, a simbiose *corpo-mulher* e *corpo-máquina*. As perguntas que pretendemos responder giram em torno de: a) quais são os encontros e os limites entre elas e as máquinas; b) como individualizam e coletivizam os usos do corpo-máquina; c) quais são as estratégias que fazem para cuidar dos seus “corpos” no trabalho.

Palavras-chave: Costureiras; Trabalho femininos; Corpos.

¹ Trabalho apresentado na 33ª Reunião Brasileira de Antropologia, realizada entre os dias 28 de agosto a 03 de agosto de setembro de 2022.

² Mestranda em Antropologia Social pelo Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social na Universidade Federal de Roraima.

³ Professora adjunta do curso de Antropologia do Instituto de Antropologia e do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social na Universidade de Roraima.

INTRODUÇÃO

No apólogo⁴, escrito por Machado de Assis ele trava um conflito entre duas ferramentas muito utilizadas no modo de trabalho do ofício e da profissão da costureira: a agulha e o novelo de linha. O diálogo inicia-se com a disputa narrativa entre estes artefatos. De quem faz o trabalho mais importante de uma costura, se é a agulha que fura as tramas e urdumes e abre novos caminhos ou a linha, que une ponto a ponto um tecido ao outro. Ao desenrolar da narrativa, a costureira de Machado utiliza-se desses materiais para costurar o vestido, nenhum destes é menos importante na feitura de uma peça; no entanto, ao final do apólogo, a linha “vence” a discussão, pois a seu ver agora faz parte da materialidade do vestido e a agulha, guardada na caixinha da costura após o uso. Machado de Assis ilustrou por meio das falas dos objetos – agulha e linha –, personificadas pelas ações das relações humanas, que existem não só trabalhos importantes no contexto social, mas também pessoas que ao terminar o trabalho, entregam o produto resultante dele para depois voltarem cada qual para suas caixinhas. Na relação com o estado é o produto do trabalho o que é mais valorizado, assim como a agulha, as costureiras vêm sendo deixadas de lado por décadas. Os Centros de Produção Comunitária, nos moldes como foram forjados, provocou mais adoecimento do que qualidade de vida para as mulheres. Apesar de existirem pessoas e trabalhos importantes no contexto social, nem sempre são reconhecidos.

O escrito literário vai ao encontro etnográfico quando as interlocutoras-costureiras destacam a desvalorização de seus trabalhos diante, por exemplo, de um profissional da medicina. Afinal acham importante o fato de confeccionarem roupas para as pessoas vestirem. E que de certa maneira o resultado de seu trabalho também tem relação com a saúde humana.

Os seres inanimados do escritor ganham “vida” e participam de momentos considerados pertinentes no processo de trabalho de uma costureira. Em outro momento do conto, a máquina de Costura antropomorfiza-se, vincula-se a ideias, ações, movimentos, afetos e contradições no cotidiano e muitas vezes, fazem parte da extensão dos usos dos corpos das interlocutoras-costureiras. Portanto, voltar o olhar para a relação entre a máquina e a costureira, e também

⁴ Fonte: Contos Consagrados - Machado de Assis - Coleção Prestígio - Ediouro - s/d. Site: <http://www.biblio.com.br/defaultz.asp?link=http://www.biblio.com.br/conteudo/machadodeassis/umapologo.htm>. Acesso em 30 de maio de 2022.

para os processos de uma costura, lançamos luz não apenas sobre a rotina de trabalho, mas também para questões de gênero, saúde e sexualidade dessas mulheres.

A partir da noção do *Ciborgue* de Donna Haraway (2000: 36), isto é: “um organismo cibernético, um híbrido de máquina e organismo, uma criatura de realidade social e também uma criatura de ficção”, pretendemos lançar luz às seguintes questões a partir do olhar etnográfico: a) quais são os encontros e os limites entre elas e as máquinas; b) como individualizam e coletivizam os usos do corpo-máquina; c) quais são as estratégias que fazem para cuidar dos “corpos” no trabalho. A nossa proposta é compreender “as mulheres em seu circuito integrado” (HARAWAY, 2000: 76).

TRABALHO DA COSTURA

De modo amplo, um costureiro ou costureira é aquele(a) no qual tem-se conhecimentos das medidas corporais para costurar uma vestimenta de acordo com os corpos. Pode-se desenhar um molde – uma espécie de modelo feita no papel – dependendo da habilidade técnica, e responsável pela escolha do tecido e da textura para o caimento ou efeito da indumentária ou outras peças. Além de desempenhar outras atividades que vão da escolha da agulha certa ao tipo da cor da linha e do fio. A habilidade se constitui na sensibilidade e percepção corporal.

O ofício da(o) costureira(o) se liga às habilidades artesanais, em particular, é “um impulso humano do desejo de um trabalho feito por si mesmo” (SENNETT, 2009: 17). Aliás, o processo de um “trabalho bem feito” circunscreve-se pelos rituais. Peixoto (2020) ao dialogar sobre as transições das agulhas no universo feminino, avaliou os riscos das agulhas no aprendizado corporal em detrimento ao ofício de costureira(o), passando-se também por virtudes morais. Saber concentrar-se e disciplinar-se são “investimentos” (BOURDIEU, 2014: 247) no exercício da paciência. Revestindo na principal característica conforme muito escutado no trabalho de campo, de ser uma “boa costureira”.

Desenhando o campo de pesquisa foi visto nas narrativas das costureiras-interlocutoras que, na fase da infância: as tesouras, as agulhas, os alfinetes, os tecidos e a máquina de costura, tornam-se espécies de brinquedos. Passando pela fase da puberdade, a brincadeira se transforma no auxílio das despesas do lar. A etapa madura de uma costureira é quando se tem domínio e expertise de fazer suas próprias roupas e afins. Passam de aprendizes a mestres (PEIXOTO, 2020; PERROT, 2005, KAERCHER, 2019 e DOUGLAS, 1987).

Figura 01 – Centro de Produção Comunitária



Arancha Pereira (setembro, 2021).

A máquina de costura é importante aliada nos trabalhos coletivos destas mulheres, pelo menos visto etnograficamente; por meio desse objeto, é possível, desloca-se dos espaços domésticos ao público. Este artefato conduz a circulação profissional. A novidade tecnológica do século dezenove possibilitou a realização de trabalhos na casa, bem como a remuneração pelo serviço prestado e o aumento de vestimentas a pronta entrega. Segundo Perrot (2005) mesmo essas personagens femininas tendo “habilidades” para feitura dos serviços de costura, ainda sim, tinham os menores salários em comparação aos homens nos espaços das fábricas; sendo assim, se era preferível, o trabalho no lar.

Assim, “a máquina as introduz no espaço privado, ao passo que se quer, obstinadamente, conservá-las no espaço público; insuportável contradição que fará, por certo tempo, o sucesso da máquina de costura” (PERROT, 2005: 230). Nesse processo de investigação das relações dos corpos das mulheres e dos corpos das máquinas, nos interessa perceber como as coisas constituem as pessoas e vice-versa.

TRANSITORIEDADES CORPO-MÁQUINA, CORPO-MULHER

Donna Haraway em “*Manifesto Ciborgue: Ciência, Tecnologia e feminismo-socialista no final do século XX*” (2000) ao tratar da economia do trabalho caseiro, referiu-se aos novos arranjos econômicos e tecnológicos interpelados pela decadência do estado do *bem-estar* e a consequência disso, foi a pressão sobre a figura das mulheres para que assumissem o sustento cotidiano tanto para si, como as pessoas sob o mesmo teto. O número crescente dos lares chefiados por mulheres relaciona-se à raça, à classe ou à sexualidade, como afirmado pela autora.

Isto nos interessa ao olharmos para as mulheres-costureiras que trabalham desde a adolescência como chefes de família, e que agora como estratégia de lidar com as formas opressão do capitalismo, do patriarcado e da xenofobia, coletivizam o ambiente de trabalho, compartilhando equipamentos e ferramentas de trabalho umas com as outras, assim como histórias de vida. São oito mulheres que costuram juntas no local, chamado por elas, Centro de Produção Comunitário, prédio localizado numa zona periférica da cidade de Boa Vista, Roraima.

Estes prédios fazem parte da secretaria do *bem-estar* e do trabalho do governo estadual, emprestados por meio de concessões renovadas a cada dois anos. Entretanto, para que as mulheres pudessem exercer suas atividades laborais, tinham que investir em financiamentos das máquinas de costura, nos quais alguns funcionam há pelos 25 anos. É notório o cuidado destes corpos maquinários, pois fazem parte da rotina de trabalho destas mulheres. Com elas, costuram e consertam roupas e recebem pelos serviços para o sustento de suas famílias, nesse contexto, Dona Regina, com 62 anos, construiu uma casa e garantiu “estudo” aos filhos, hoje formados.

Observa-se no ambiente de trabalho uma mesa de madeira quadrada grande para o corte e diversas máquinas de costuras contrapondo ao colorido dos tecidos e das linhas que ornamentam a sala principal. De início já se ouve conversas entre as mulheres entre a faixa dos 25 aos 60 anos de idade, sobrepondo-se aos ruídos altos dos equipamentos. Cada costureira está em movimento constante do uso dos seus corpos por mais de oito horas por dia, nos quais as constantes reclamações são dos pés, das mãos e da visão.

Figura 02 – Dona Regina



Arancha Pereira (junho, 2022)

As soluções efêmeras estão atribuídas as almofadas confortáveis, do uso do apoio ergonômico para os pés; e para a visão, gambiarras de lâmpadas fluorescentes amarradas por trás das máquinas de costura cuja a intenção é enxergar melhor o encaixe da agulha e da linha nos tecidos. E somando-se a isso, o complemento da iluminação instalada nas pequenas mesas. Outros aspectos importantes são as misturas entre os produtos cosméticos, mostrando as estratégias não só em relação à técnica dos consertos, mas da vaidade como forma de atrair clientes. Destacam-se os batons, as escovas de cabelos, cortadores de unhas; além das ferramentas de trabalho: caneta, caderno, réguas, agulhas, tesouras e escovinhas de limpeza e chaves de fendas para abrirem as máquinas, ao tentarem resolver quando podem algum tipo de problema técnico. Caso não consigam, há a necessidade de ligar para os mecânicos da cidade.

Cada máquina tem especificidades distintas: a máquina reta, tem a função de costurar as peças com rapidez e com agilidade, mas do que as máquinas domésticas; essas sendo mais utilizadas como o nome já diz no espaço doméstico. A galoneira faz acabamentos das mangas e barras de camisas, além de pregar vieses e outros adereços. A *Overlock* ao juntar as duas partes de um tecido faz acabamentos em termos mais ‘profissionais’, assim como costura tecidos considerados mais maleáveis. A máquina de bordado agiliza o trabalho que levaria muito tempo se fosse de forma manual.

A partir dessa composição do cenário laboral, é possível avaliar as intimidades que fazem e dizem com estes artefatos, e metaforicamente, estendem-se aos usos dos seus corpos em seus cotidianos. Haraway (2000) ao propor um ensaio da confusão das fronteiras estabelecidas socialmente, isto é, uma tentativa de reordenar perguntas e respostas. Descostura as dicotomias hierárquicas que dominam os discursos ocidentais: mente, corpo; animal, humano; organismo, máquina; público, privado; natureza, cultura; homens, mulheres e primitivo, civilizado. A noção de *Ciborgue* nesses termos, é uma atividade potente para se olhar para novas possibilidades entre as coisas, termos, linguagens, imagens, corpos. Neste último aspecto, o corpo para a autora, assume posições de poder e identidade. Assim, corroborando ao *Ciborgue*, a máquina coincide aos nossos processos de corporificação. Em suma, essa noção confunde-se entre humano e não humano, pelo fato de estar nos dois. Essas relações ambíguas, servem-nos a reflexão sobre a simbiose *corpo-mulher* e *corpo-máquina*.

Figura 02 - Dona Beta



Aranha Pereira (junho, 2022)

Em estudos antropológicos, Marcel Mauss (2003[1925]) já analisava as formas como as pessoas de sociedades diferentes servem-se de seus corpos. É um instrumento que passa por técnicas apreendidas por meio de tradições. Para Bourdieu (2014) o corpo constitui uma forma particular de experimentar a posição num espaço social. Os corpos são moldados de acordo

com a classe social, gênero, raça, sexualidade e etnia. Entretanto, para o autor, os esquemas de classificação social dos corpos perpassam duplamente pela divisão social e divisão sexual do trabalho.

Em nosso caso etnográfico, na desenvoltura da atividade do costurar, que lidam diretamente com agulha, tesouras e alfinetes – objetos perfurantes –, exigisse o treinamento da postura e da concentração, o olhar atencioso e o cuidado para não perfurar os dedos das mãos no manejo. Tais habilidades difundem-se ao risco de se machucar. Segundo demonstra uma interlocutora,

É como eu estava falando da questão da segurança né, você tem que ter todo cuidado ao operar uma máquina de costura, manusear uma tesoura. Como eu falei, eu mesma com muito tempo de prática eu já furei o dedo duas vezes. Da agulha entrar no canto do dedo, porque você tem que puxar não tem como, é o reflexo. Então já tive dois dedos espetados com a máquina de costura (risos) pois requer muita atenção, né! Você não pode se distrair. Você não pode costurar e ficar conversando, pois tem que ficar concentrada para que não ocorra nenhum acidente. (Dina, Comunicação pelo WhatsApp, maio de 2021).

O *habitus* de uma costureira está atrelado ao cuidado do corpo. O ambiente idealizado seria com bastante iluminação, com cadeiras confortáveis, mesas de acordo com a altura das mulheres e fios elétricos não expostos. Mesmo o Centro de Produção Comunitária sendo construído para suportar tais demandas, ainda sim, após de 26 anos desde da inauguração, já não dá conta de ser seguro para as costureiras. Para enfrentar tais adversidades, mobilizam estratégias para aliviar a precariedade vivida. Por exemplo, antes de sentarem numa máquina de costura precisam, em primeiro momento, se organizarem para limpar o espaço, pois a sujeira como não é bem vista pela clientela, que circulam a todo instante.

Certa vez, ao sentar perto de uma interlocutora para conversar mais sobre a trajetória de sua vida, a costureira mais antiga do grupo lhe chama atenção para que limpasse as *Overlocks* com urgência, considerando que estavam muito sujas, isto é, empoeirados de restos de fiapos dos tecidos. O acúmulo poderia afetar sobretudo as produções feitas, deixando rastros nas indumentárias, causando impressão de “desleixo” por parte destas profissionais. Então, segundo ela, cada costureira tem o seu dia de limpeza, esses tipos de máquinas industriais devem-se realizar a manutenção dia a dia, pois são utilizadas para *cortar e emendar* tecidos separados.

Como maneira de coesão do grupo, todas devem cumprir o seu papel dentro deste espaço. Senão, não é uma atitude bem vista dentro do grupo de mulheres. Cabe mencionar que não são todas as máquinas que são de uso coletivo, apenas as máquinas retas industriais são individualizadas, assim, cada costureira deve cuidar de seus equipamentos. As de uso coletivo são as *Overlocks*, galoneira e uma doméstica, estas sim, demandando organização, disposição e cuidado, assim como o rateio do dinheiro para a manutenção, caso houver.

Esse último mencionado, exige conhecimentos mais técnicos, pois é preciso traquejo ao abrirem estas máquinas com chaves de fendas e desparafusar e trocar o óleo lubrificante para que a engrenagem funcione perfeitamente. E isso é motivo de risadas. Se ao costurar no equipamento individual, um maquinário parar no meio de algum serviço importante, logo será motivo de reclamações, xingamentos e estresses, e em outros casos, custos imprevistos para aquela ocasião, sendo a alternativa, pedir empréstimos às outras colegas.

Num episódio, ocorreu que uma máquina reta não estava funcionando a bobina – um mecanismo feito para acoplar o carretel para encher-se de linhas. Então a Dona Regina, uma senhora que trabalha a mais de 20 anos no grupo, pergunta: “o que houve?” A outra mulher diz: “não sei, acho que não quer mais funcionar”. Então antes de ligar para o mecânico, no qual só o custo para a visita seria noventa reais⁵, dinheiro que seria gasto em outras eventualidades. Olhou ao orçamento ganho daquele dia, e como solução momentânea, a costureira tentou resolver com óleo, mas mesmo assim não teve efeito, apenas frustrações. Então dona Regina comentou em tom de jocosidade: “sua máquina está com problemas sexuais!”. E as costureiras riram como maneira de aliviar as tensões daquele momento.

Perrot (2005) em sua pesquisa histórica sobre as trabalhadoras têxteis da França no século dezenove, descreveu a condenação do uso dos aparelhos pelos médicos. Conforme diz,

Os médicos faziam à máquina de costura outras restrições, de ordem fisiológica. Um relatório, apresentado na Academia de Medicina em 1866, denuncia os danos ao corpo feminino: leucorreias, amenorreias e, talvez, esterilidade. O que se recrimina, sobretudo, é o movimento das pernas, ligado aos pedais: ‘Tal instrumento, com um movimento contínuo, excita o delírio histérico’. Em certos ateliês, a máquina de costura ‘provoca uma excitação genital tão viva que os operários necessitam (...) recorrer a loções de água fria’. ‘Os inconvenientes da máquina de costura devem-se à ação muito danosa [...] dos movimentos dos pés que agem alternativamente sobre os pedais, ou ainda aos efeitos da trepidão do instrumento, que se propaga pelos membros superiores à cavidade torácica e até mesmo para toda a economia’. Fato curioso, os médicos se interessam ao útero mais do que à visão e dão mais atenção aos pedais do que às horas, as cadências, às próprias condições de trabalho (PERROT, 2005: 237).

⁵ Custo relativo ao mês de maio em 2022.

O seu argumento centra-se nas condições ligadas à precariedade dos trabalhos das mulheres nas fábricas. Portanto, nesses relatórios tampouco eram mencionados os riscos em relação à saúde do corpo, mas sim, exclusivamente tratado a relação da máquina com a mulher serem motivos de histeria e erotismo feminino, mais uma vez as colocando em lugar de subordinação no contexto social. Assim: “esta simbiose entre mulher e máquina mecaniza a mulher e sexualiza a máquina. A máquina torna-se mulher” (PERROT, 2005: 238). Na situação etnográfica, “ironizar” em situações conflitantes além de aliviar o estresse das costureiras de seus trabalhos, também é uma maneira de pensar o trabalho, corpo, saúde e sexualidade.

No campo da saúde, para Ambrosi e Queiroz (2004) a postura do trabalho representa principalmente um meio para desempenhar a atividade. Os autores apresentam que para costurar, os movimentos exigem acompanhamentos visuais, o tronco do corpo mais inclinado e a cabeça mais para frente. De fato, são motivos de dores. Conforme uma interlocutora descreve nos seguintes trechos:

Já furei dedo, sinto muitas dores nas coxas de ficar muito tempo sentada. Já trabalhei muito à noite, hoje em dia, minha vida melhorou mais. Eu não preciso trabalhar mais muito. Ficar trabalhando nos finais de semanas e nem pelas noites, às vezes ficávamos até oito horas da noite no final de ano e, hoje não. A gente não fica mais, mas quando a gente começou, tinha umas meninas aqui que ficavam até tarde. Em época de carnaval, de São João... hoje eu não consigo mais ficar.

Não gosto mais de enfrentar aquelas coisas difíceis, vou deixar para a Amanda (integrante do grupo) que é nova. Ela aguenta (risos).

Tenho desvio de coluna. Toda costureira usa óculos. Quando mais nova não usava lâmpada. A Amanda não usa óculos, ainda... (Fran, Comunicação pessoal, outubro de 2021).

Dona Fran é um dos membros fundadores do Centro de Produção Comunitária, desde de adolescente já trabalhava enquanto costureira, agora com os seus 60 anos de idade sente-se mais cansada, então como modo de aliviar as dores, praticar depois do experiente leves caminhadas para fortalecer os músculos. O trabalho pesado em meados dos anos de 1990, tinha o objetivo de engajar clientelas “fiéis” e sendo almejado, atualmente pode escolher que tipos de serviços pode fazer, como apenas os consertos, pode ser mais rápido e de valor permanente.

Já Amanda, com os seus 23 anos de idade, começou a costurar desde dos 15 anos, mesmo sendo considerada a mais nova e a que mais “aguenta”, também comenta sobre a saúde fragilizada pelo trabalho pesado, ainda mais com o retorno de festas pela cidade – festivais, juninas, shows etc. comprometidas pelo vírus da Covid-19.

Figura 04 – Fratura



Arancha Pereira (março, 2022)

Somando-se a isso o adoecimento referente à depressão, vista enquanto “frescura” por algumas colegas de trabalho. O seu desafio agora é o tratamento da depressão que vive, tem dias que se sente bem e outros que não consegue levantar da cama, além da perda do peso. Os exercícios têm elevado sua autoestima e o cuidado da saúde mental. E para ela, estando bem, “florescer a criatividade à costura”.

Além do mais, sofreu um rompimento da liga da mão direita e por este motivo, estava costurando com menos agilidade. Então ligou aos clientes com prazos de entrega daquela semana e avisou-lhes que demoraria na produção dos pedidos devido a fratura e a fragilidade da saúde mental. Conforme diz a interlocutora, para o movimento repetitivo da máquina é preciso aquecimento do corpo e fazer exercícios de fortalecimento. Então, ao se cuidar, não estava pegando serviços mais pesados, isto seria: roupas sofisticadas, ditas como complexas, nos quais exigem dedicação e cuidado. Neste caso do rompimento da liga da mão, podemos

pensar no rompimento das ligas numa costura, afinal, o corte na liga também rompeu a possibilidade da continuidade do ganho econômico de Amanda. Assim, em consonância com Miranda (2021: 136) “cada costureiro e costureira estabelece com a máquina uma relação íntima, já que dependem, do seu desempenho e do bom funcionamento dela”.

Figura 05 – Rituais sagrados



Arancha Pereira (março, 2022)

Por meio do *Ciborgue*, destacam-se os diálogos entre ambas partes. Quando as costureiras estão em estado de euforia seja de alegria ou de penúrias suas principais companheiras são as máquinas de costura, com elas, conseguem transitar entre as esferas domésticas e públicas, obterem o sustento de suas famílias, e reconhecimentos mesmo que suas profissões não sejam exaltadas no capitalismo. E marcadas pelos rituais do sagrado. Os santos são colocados diante das máquinas no sentido que possa abençoar o trabalho da costureira e da própria máquina de costura.

De certo modo, esses “corpos” misturam-se quando as costureiras observam que as curvas de suas companheiras também precisam de cuidados. Afinal, as máquinas de costura “reagem” ao trabalho sobrecarregado do cotidiano, precisando da manutenção para que funcione melhor, assim, como as mulheres precisam cuidar dos olhos, da coluna e das pernas e das mãos e da saúde mental, ou seja, o corpo como um todo. Neste cenário, as mulheres estão inseridas em “circuito integrado” (HARAWAY, 2000: 76).

CONSIDERAÇÕES

Buscou-se com este trabalho dar conta de como a saúde, o gênero, o cuidado e as políticas públicas, aparecem nas relações de trabalho entre as costureiras.

Com relação às políticas públicas, apesar do governo ter investido em Centros de Produções Comunitárias, no meado dos anos 1990, com o intuito de impulsionar a economia local através do trabalho feminino, foi possível perceber que os tipos de doenças que acometem ao grupo não tiveram nenhuma atenção do poder público. Ao contrário, para o funcionamento dos Centros de Produções Comunitários, as mulheres receberam a proposta de fazer empréstimo em agências estatais, no valor de 15 mil reais, para a compra de maquinários, mas nem todas as costureiras dos Centros de Produção Comunitária conseguiram liquidar o empréstimo bancário. Desse modo, em decorrência de mudanças de governos, a falta dos investimentos e ausência de ações estatais, os grupos femininos foram se desfazendo ao longo dos anos, e nesse contexto, tiveram que vender as máquinas de costura como estratégia para o suprimento de necessidades cotidianas mais básicas.

Além da falência, veio à depressão e a culpa por não conseguir dar conta dos pagamentos. No caso do grupo de mulheres da pesquisa, algumas conseguiram pagar em dois anos os financiamentos das máquinas de costura. Depois disso, elas não quiseram mais trabalhar para o “governo”, segundo elas, se sentiam abandonadas pelas políticas governamentais.

Com relação à análise das relações entre trabalho e saúde de mulheres a partir de uma perspectiva de gênero, percebe-se que as mulheres apesar de buscar estratégias variadas de conciliação entre a atividade da costura e os afazeres domésticos, há uma sobrecarga. Sobrecarga que não permite muitas das vezes o repouso necessário e o tempo para atividades físicas e fisioterápicas necessárias pelo uso excessivo da visão e das articulações. As tendinites, dores lombares e a perda progressiva da visão, são os aspectos mais críticos para a saúde dessas mulheres. Mas para quem trabalha sentado por tanto tempo outras doenças também são possíveis: varizes, infecções urinárias, problemas de coluna, problemas osteomusculares devido às posturas anti-ergonômicas e distúrbios psico-emocionais, como relatados em entrevistas.

Vale ressaltar que o trabalho de costureira se encaixa muito bem ao processo de socialização, desde a mais tenra infância são influenciadas por mães e avós, para ocupar seu papel na reprodução social. O estímulo à docilidade, à paciência, à resistência para o trabalho

monótono e repetitivo surgem como qualidades pretensamente naturais das mulheres, como bem assinala Bourdieu (2014).

De fato, precisamos pensar criticamente sobre a saúde, não apenas sobre a inserção social das costureiras na vida profissional, mas das mulheres trabalhadoras em geral em relação à saúde. Repensar teorias e conceitos, fontes de informação para dar conta da complexidade e das especificidades das condições de trabalho e de existência das mulheres.

Nesse sentido, existem programas governamentais que incorporaram o papel da mulher ao cuidado da casa e da família e está sendo uma das bases da qual o neoliberalismo se estruturou. Nos anos 1990, na América Latina, começou-se articular movimentos antagônicos, contudo femininos, às “políticas neoliberais” (CORTÉS e RAYA, 2020; FARIAS e MORENO, 2010).

De acordo com Milani e Grade (2011:63) as mulheres em oposição estão relacionadas à “falta de uma estrutura adequada, recursos, instalações, matérias-primas e outras que condicionam o desenvolvimento do grupo precarizando a vida das integrantes e inviabilizando a sua reprodução”. No caso estudado, mulheres costureiras relataram que em vinte anos de trabalho e ensino mútuo, percebeu-se a dispersão do grupo, seja pela falta de compromisso das instituições do governo local, por motivos de saúde ou pelos desencontros familiares com o ofício e a profissão da costura. Nas palavras de uma interlocutora:

*O governo infelizmente tem essa falha. Não mantém seu pagamento em dia, e **as pessoas trabalham porque precisam né?! Então assim, foi acabando. Acabou a associação. Foram parando de fazer uniformes escolares e fomos por conta.** (...) E aí ficamos num grupo pequeno. Para manter a associação era difícil, né!? O prédio era grande, não tínhamos como reformar. Pois como ficamos por conta de manter as coisas fica difícil para duas pessoas pagar a documentação, pagar limpeza, manter o prédio que é muito grande. Molhava tudo lá dentro. E eu tive que entregar, eu entreguei em 2018 (Dona Dina, WhatsApp, 13 de maio de 2021, grifos meu).*

As especificidades das condições de trabalho e de existência das mulheres no trabalho remunerado ou doméstico dependem da defesa do direito ao corpo e à saúde e de políticas públicas. Nesse sentido, percebeu-se em pesquisa de campo em Roraima a fragilidade das organizações e cooperativas locais, a baixa renda, além do desafio para superar as relações tradicionais familiares e matrimoniais. Não podemos negar que o trabalho da costura foi para muitas mulheres caracterizado pelo subemprego, sobretudo, por se tratar de atividade de baixa

produtividade, baixo prestígio e baixa remuneração. Quesitos que atingem primordialmente a força de trabalho de um ofício visto como complementar na sustentação da família e, portanto, socialmente, pouco valorizado.

Por fim, a pesquisa chama atenção que é preciso atentar para as dinâmicas e relações que constroem e modificam o Universo das Costureiras no extremo Norte do Brasil, só assim será possível refletir sobre a atuação antropológica como ferramenta teórico-metodológica na elaboração e implementação de políticas públicas efetivas e relevantes na saúde e na vida das costureiras no estado.

REFERÊNCIAS

AMBROSI, Dagmar; QUEIROZ, Maria. **Compreendendo o trabalho da costureira: um enfoque para a postura sentada**. Revista Brasileira de Saúde Ocupacional, v. 29, p. 11-19, 2004.

ASSIS, Machado. **Apólogo**. Contos Consagrados - Machado de Assis - Coleção Prestígio – Ed.iouro - s/d. site: <http://www.biblio.com.br/defaultz.asp?link=http://www.biblio.com.br/conteudo/machadodeassis/umapologo.htm>

BOURDIEU, Pierre. **Notas provisórias sobre a percepção social do corpo**. Pro-posições, v. 25, p. 247-256, 2014.

CORTÉS, Edgar Belmont; RAYA, Tania Rosas. In: **Hacia una recharacterización del concepto de trabajo desde una antropología latinoamericana por demanda**. Tratado latinoamericano de Antropología del Trabajo. Arrieta (*org.*) 1 edição. Cidade Autônoma de Buenos Aires. Centro de Investigaciones sobre Sociedad y Cultura-CIECS, 2020.

DOUGLAS, Mary. (1987). **Woman, the Measure of All Things: Yvonne Verdier's "Facons de Dire, Facons de Faire."** Anthropology Today, 3(5), 2. doi:10.2307/3032885

FARIA, Nalu; MORENO, Renata (Org). **Cuidado, trabalho e autonomia das mulheres**. São Paulo: SOF, 2010. 80 p. (Coleção Cadernos Sempre Viva. Série Economia e Feminismo, V(2) de São Paulo.

HARAWAY, Donna. Manifesto ciborgue. **Antropologia do ciborgue**. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

KÄERCHER, Karen. **"Feito à mão e com amor": alinhavos etnográficos acerca de saberes e fazeres de costureiras na cidade de Santa Maria/RS**. 2018. 182p. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2018.

MAUSS, Marcel. **"Ensaio Sobre a Dádiva"**. In: Sociologia e Antropologia. Cosac & Naify: São Paulo, 2003 [1925].

MILANI, Rita; GRADE, Marlene. **Desenvolvimento local e economia solidária um caminho possível: a experiência das mulheres solidárias de Roraima.** Revista Economia Política do Desenvolvimento, v. 4, n. 12, p. 51-67, 2011.

MIRANDA, Bruno. **Máquinas de costura na bagagem: a materialidade das mobilidades migratórias Bolívia-Brasil.** Contemporânea-Revista de Sociologia da UFSCar, v. 11, n. 1, 2021.

OLIVEIRA, Reginaldo. **A herança dos descaminhos na formação do Estado de Roraima.** São Paulo, Universidade. 2003. 387p. Tese de Doutorado (Programa de Pós-Graduação em História Social da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas). USP

PEIXOTO, Fernanda. **Os riscos da agulha.** Revista Trilhos, Santo Amaro, Bahia, v. 1, n. 1, p. 75-91, 2020. Disponível em: <https://revistatrilhos.com/home/index.php/trilhos/article/view/19>. Acesso em: 29 set. 2021.

PERROT, Michelle. **As mulheres ou os silêncios da história.** Bauru: Edusc, 2005.

SENNETT, Richard. **O artífice.** 2ª edição. Rio de Janeiro: Editora Record, 2009.